

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

Physical education and attacks on education: challenges emerging from teaching in contemporary time

Paulo Roberto Dalla Valle
Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó
Chapecó/SC-Brasil
Ricardo Rezer
Universidade Federal de Pelotas - UFPel
Pelotas/RS- Brasil
Edivaldo José Bortoleto
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Vitória/ ES -Brasil

Resumo

Este artigo discute os desafios que emergem da docência no contexto escolar, identificando as dificuldades encontradas por professores de educação física (EF) e como eles se articulam no contexto atual. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, que utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento de investigação. A pesquisa contou com a contribuição de oito colaboradores professores de EF. Para a análise dos dados, utilizamos a análise temática. Infere-se que a prática pedagógica de professores de EF tem apresentado fragilidades decorrentes das condições e possibilidades de intervenção. Necessita, portanto, ser constantemente revisitada, refletida e ressignificada diante dos ataques à educação e, por conseguinte, à própria EF no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Docência; Contemporaneidade.

Abstract

This article discusses on the challenges that emerge from teaching in the school context, identifying difficulties encountered by physical education (PE) teachers and how they articulated in the current context. It is characterized as a descriptive research, with a qualitative approach, which used the semi-structured interview like investigation instrument. The research had eight collaborators PE teachers. To the data analysis, we use the thematic analysis. It is inferred, therefore, that the pedagogical practice of PE teachers has shown weaknesses arising from the conditions and possibilities of intervention, and therefore needs to be constantly revisited, reflected and reframed, especially in face of attacks on education and the PE at the school.

Keywords: Physical education; Teaching; Contemporaneity.

Considerações iniciais

O atual contexto político, econômico e social no qual a educação brasileira encontra-se inserida, tem apontado para alguns desafios que necessitam ser enfrentados, buscando ampliar e qualificar as possibilidades de resistência aos ataques à educação, ciência, pesquisa, conhecimento científico, democracia, elementos que acabam impactando também, na prática pedagógica (PP) de professores no contexto escolar. Situamos nossa investigação no campo da educação física (EF) escolar como ponto de partida para as discussões que se alicerçam na compreensão dos desafios que emergem deste contexto.

Ao longo do texto estabelecemos relações entre as percepções dos professores de EF com a atual conjuntura da educação, potencializando discussões em torno da realidade vivenciada. Este processo nos instiga a pensar: quais os desafios da EF frente aos ataques à educação? Nesta perspectiva, os tensionamentos provocados pela condição em que se vive têm desencadeado inquietações e angústias, evidenciando uma inconformidade perante a realidade, especialmente num momento que as condições de trabalho, a ciência, a produção do conhecimento, têm sido questionadas em nome de negacionismo dos mais diversos.

O objetivo deste artigo consiste em refletir e aproximar o debate em torno da contemporaneidade, com as percepções dos professores de EF sobre como eles têm percebido desafios da PP no contexto escolar, diante do atual contexto político, estabelecendo assim, nexos entre os desafios que emergem da docência e os desafios de nosso tempo.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de Mestrado produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó¹. A pesquisa contou com a participação de oito professores de EF atuantes na educação básica, efetivos no magistério público estadual de Santa Catarina. Para a coleta dos dados, utilizamos a entrevista semiestruturada e, para a interpretação dos dados, utilizamos a análise temática proposta por Minayo (2013).

A fim de tornarmos nossa apresentação mais didática, inicialmente apresentamos, à luz da contemporaneidade, alguns elementos e reflexões acerca de desafios da educação e da EF. Em seguida, apresentamos uma discussão a partir da percepção dos professores de EF acerca de desafios que emergem da docência na contemporaneidade. Por fim, apresentamos algumas sínteses derivadas das reflexões e aproximações estabelecidas ao longo do texto, situando o debate em torno dos desafios da educação e da EF escolar.

Reflexões acerca de desafios da Educação Física na contemporaneidade

As transformações observadas na sociedade e no campo educacional através dos tempos têm demonstrado e deflagrado a necessidade de novas maneiras de perceber e fazer a educação, haja vista as disputas de projetos distintos que se estabelecem nesse campo.

No campo da EF observam-se também mudanças e desafios que a ela se impõem, necessitando ser enfrentados na tentativa de qualificar nossa concepção a partir do contemporâneoⁱⁱ, buscando refletir e resistir de maneira crítica às dificuldades que emergem para a educação, a ciência, a pesquisa, de sobremaneira a liberdade e a democracia.

A necessidade de conhecer melhor nosso tempo incorre em perceber que ainda não estabelecemos um marco de ruptura entre a modernidade e a pós-modernidade e vivemos numa fase de transição (aqui denominada de contemporâneo) entre o “virá” e o que “ainda não veio”, ou como se refere Stein (1991, p. 72):

[...] somos seres do **não mais** e do **ainda não**. Nós não suportamos, de certo modo, o vazio. A pergunta é: como nós podemos sustentar esta situação de estar entre o **não mais** e o **ainda não**. Ou o **não mais** continua, que é a interpretação progressista, o projeto inacabado da modernidade. Ou então este **não mais** já é realmente **não mais** e então se iniciou o **ainda não**. Que **ainda não** é este? Que novo tempo é este? Que características dar a isto? Como pensarmos este novo tempo?

Reconhecer esta condição de estarmos entre o “não mais” e “ainda não” contribui para refletirmos sobre como se estabelecem os desafios na atualidade, indagando-nos sobre a ambivalência de questões sociais, culturais, econômicas, políticas e educacionais, dentre tantas outras que se apresentam no cotidiano.

No contexto educacional e, em especial, ao que concerne à EF, observa-se um movimento homólogo com o contexto atual, quando observamos as corriqueiras indagações sobre o papel da EF no contexto atual. Por um lado, observamos referenciais que permitem qualificar nossas respostas a esta questão, por outro, observa-se que concepções e práticas, permanecem ainda, muitas delas, oriundas da visão de uma EF militarizada, tecnicista e reprodutivista, realidades que ainda permeiam o contexto educacional, evidenciando estar entre um “não mais” e um “ainda não”, tal como referido por Stein (2001).

De fato, as contribuições filosóficas e a percepção de tempo nos remetem a vislumbrar uma sociedade constituída de espaços e tempos diferentes, cercada de práticas,

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

conceitos, concepções, conhecimentos e movimentos sociais produzidos de forma distinta. Portanto, se nos situamos e vivemos em tempos de transição entre “aquilo que já foi” e “aquilo que será”, cabe reconhecer que “o velho não morreu” e “o novo ainda não nasceu”.

No tocante à questão da EF, Bracht e González (2014) destacam que o que entendemos hoje por EF:

[...] é tributária de uma tradição razoavelmente recente: a Educação Física é moderna. A gênese da Educação Física moderna está relacionada com a constituição de uma sociedade que instituiu o Estado Nacional, que organizou a economia na forma capitalista de produção e distribuição de bens, que constituiu os sistemas nacionais de ensino, que legitimou a ciência como forma de conhecer a realidade e que ganhou complexidade com sua crescente divisão de trabalho e diferenciação sistêmica (p. 241).

Em específico, Fensterseifer (2015, p. 4) aponta que a EF brasileira “tem vivido nos últimos anos mudanças significativas, as quais têm demandado expressivos esforços no campo da produção do conhecimento e da intervenção”, o que nos possibilita entender que a EF também passa por um momento em que necessita ser revisitada para poder lidar criticamente com novos modos de estar e viver no mundo. Assim sendo, cabe ver o mundo sob outra perspectiva e repensar a atuação docente frente aos desafios que se apresentam no contexto educacional contemporâneo.

Rezer (2014, p. 349), ao abordar como a EF brasileira se coloca na contemporaneidade, afirma que a condição encontrada se estabelece em um jogo de disputas entre diferentes comunidades que se constituem em seu interior, o que a caracteriza como um campo multiforme, poliforme, mas, ainda assim, um campo de conhecimento em movimento.

A EF, nesta perspectiva, apresenta-se como centro de discussão de diferentes correntes de pensamentos e concepções, cada qual com seus significados, representações, crenças e intencionalidades que, apesar de divergências epistemológicas, tendem a convergir sobre a sua relevância por tratar de uma área do conhecimento.

Neste sentido, pensar a EF na contemporaneidade requer novos olhares, percepções e compreensões em torno de seu sentido no cotidiano escolar. Rezer (2014) afirma que, na contemporaneidade, emergem distintas “Educações Físicas”, que “convivem” em meio a uma série de tensões, disputas, aproximações e distanciamentos.

O olhar de Rezer (2014) sobre as diferentes “Educações Físicas” aponta na direção daquilo que vislumbramos hoje no contexto educacional, uma diversidade de concepções,

práticas e tendências pedagógicas que, muitas vezes, confundem e se confundem no trabalho docente do professor – daí a necessidade de trabalhos como os de Fensterseifer (1999, 2015) no campo da EF brasileira, como forma de contribuir com a compreensão das distintas epistemologias e projetos políticos que se movem no interior do campo.

Assim, se torna relevante compreender melhor a própria produção acadêmica da EF brasileira, retomando contribuições de referências importantes, tais como, Lovisolo (1995), Ghiraldelli Jr (1995), Gaya (1995), Taffarel e Escobar (1995), entre outros.

Este movimento reflexivo de pensar a EF a partir de sua própria produção permite compreender melhor os distintos paradigmas presentes em seu interior, suas relações com o pensar filosófico contemporâneo, permitindo a abertura de novos olhares para as complexas questões que constituem nosso tempoⁱⁱⁱ. Nessa esteira, cabe ensaiar alguns dos desafios da EF brasileira de nosso tempo, considerando sua complexidade, bem como, sua diversidade interna, conforme expresso a seguir.

- 1- As distintas Educação Físicas vêm promovendo, por um lado, um relativismo, por outro, um dogmatismo epistêmico, algo que precisamos refletir criticamente;
- 2- O surgimento de um relativismo epistemológico na EF, devido às diversas concepções divergentes, pode levar a confusão, algo sempre perigoso para um campo do conhecimento. Por exemplo, uma confusão que pode se desdobrar em mais insegurança para os professores na EF escolar – Betti (2009) afirma que, por vezes, o professor da EF escolar sabe mais o que não deve fazer do que o que deve fazer;
- 3- O surgimento de comunidades científicas com maior produção, visibilidade e reconhecimento, pode contribuir para o surgimento de “igrejas laicas do conhecimento”, tal como sinalizado por Rezer (2014), algo que pode levar ao proselitismo, outro problema significativo para qualquer campo do conhecimento;
- 4- Destas tensões, um dos desafios se refere a enfrentar as distâncias que ainda se mantêm entre quem “produz” e quem “aplica” conhecimento na EF. Para Caparroz e Bracht (2007), os professores devem valer-se de sua autoridade e de sua autoria docente para buscar sua autonomia, o que significa poder construir sua prática pedagógica e não, apenas, aplicar “algo” elaborado por outros.

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

- 5- Por mais óbvio que possa parecer, o desafio de estudar ainda é uma das possibilidades que pode contribuir para dirimir proselitismos, relativismos e a noção de que há professores que produzem e professores que aplicam conhecimento.
- 6- Assim sendo, um desafio que temos é contribuir para a EF como campo do conhecimento plural, tal como se referem Garcia, Rezer e Fensterseifer (2021). Para os autores, cabe reconhecer a pluralidade epistemológica do campo, como sendo uma possível alternativa de unidade (relativa) em meio as distintas Educações Físicas. Nessa lógica, apostamos na disposição dialógica para a pluralidade do campo da EF brasileira, buscando reconhecimento pelas singularidades que o constituem.

Diante do exposto, pode-se perceber que a EF na atual conjuntura, caminha para um constante e contínuo processo de reinventar-se, ressignificar-se, buscando potencializar a PP de seus professores com o objetivo de continuar a legitimá-la como uma área do conhecimento importante para a formação do ser humano, por suas contribuições a respeito do conhecimento do próprio corpo, da cultura corporal, da saúde, do lazer, enfim, pela sua contribuição para o homem e para sociedade.

Desafios que emergem da docência no contexto atual: com a palavra, os professores de Educação Física

A análise da PP de professores de EF diante do contexto atual tem se constituído em um processo complexo, pois tende a desvelar nuances do contexto escolar. De fato, compreender o entorno das relações que se estabelecem no “chão da escola” tem se apresentado como uma possibilidade de enfrentamento às investidas de desmantelamento observadas em relação à educação, escola, ciência, conhecimento e, por conseguinte, à EF.

O caminho percorrido no sentido de compreender quais os desafios da EF frente aos ataques à educação, tendo a escola como *lócus* investigativo favorece perceber as dificuldades identificadas à luz da prática docente como ponto de partida para entender os efeitos das insurgências políticas no campo da educação.

A partir da análise das percepções dos professores, identificamos alguns elementos que têm se apresentado como desafios para a PP no contexto escolar e que necessitam ser repensados e colocados em debate para ampliar as possibilidades de enfrentamento.

A realidade observada a partir da análise dos dados representa um cenário que, por inferência, pode retratar algumas características que são comuns em nossas escolas e que

na lente dos professores colaboradores têm dificultado a PP, exigindo novos olhares para a escola e as necessidades que vem se apresentando. Desta forma, identificaram-se contribuições que agrupamos em quatro categorias, denominadas: dificuldades, distanciamentos, silenciamentos e fragilidades em relação à PP e ao contexto escolar e que, ao final, se constituem em desafios para pensar a educação e a EF na perspectiva de compreender estes elementos a partir da atual conjuntura política.

As categorias temáticas a seguir, derivam da análise das contribuições oriundas da percepção dos professores colaboradores e constituem o escopo de nossa busca em compreender os desafios da PP na EF escolar.

Assim, categorizamos como, “dificuldades” as questões relativas as condições de trabalho, englobando não apenas a estrutura física e material, e sim, aquelas relativas ao trato com a EF no contexto escolar, como o número de alunos, participação e interesse dos mesmos, além, das condições impostas pelas orientações e reorganizações do próprio sistema de ensino, e suas implicações para o trabalho docente.

Pensar os “silenciamentos” se refere aos problemas e dificuldades que não são, via de regra, colocados em debate, ficam “abafados”, porém, fazem parte do cotidiano dos professores e do contexto escolar. Como por exemplo, a aproximação com a gestão escolar, o protagonismo na busca de alternativas e até mesmo a aproximação com questões como carreira, uma questão importante de ser considerada, embora pouco abordada de forma coletiva, bem como, a necessidade do tempo para estudo, planejamento, entre outros.

Já os “distanciamentos” se referem às questões relativas ao maior envolvimento dos professores com o debate e discussão sobre a BNCC no contexto escolar, algo que não deve ser “aprendido” para ser “aplicado”, mas sim, discutido de forma crítica no coletivo docente. Da mesma forma, os “distanciamentos” se referem à busca por formação continuada que lhes possibilitem apropriar-se de um repertório teórico que contribua para uma reflexão crítica sobre suas dificuldades, bem como, qualifique sua prática pedagógica.

Enquanto “fragilidades”, situamos nosso debate a partir das contribuições de nossos colaboradores, como os argumentos e referências que sustentam a sua prática e as emergências percebidas, além da própria percepção sobre sua PP, especialmente em relação aos objetivos da EF, sua intencionalidade, objetivos e o próprio percurso formativo.

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

Assim, na percepção dos professores sobre os desafios que emergem da docência em EF, vivenciados cotidianamente, destacam-se a falta de material e de estrutura física adequada para as aulas, a falta de valorização do magistério, com pode ser observado nas considerações de EF2:

[...] falta material suficiente para atender a todos, sendo que muitas vezes trabalhamos com o improvisado. [...] o material insuficiente é um problema histórico para a educação física, o que não acontece com as demais disciplinas, pois se falta um livro há o remanejamento de uma escola para outra, o que não ocorre com o material de educação física, e isso demonstra que ainda não se dá a importância necessária para a disciplina.

Estes elementos demonstram a priori um dos descasos entre tantos percebidos no cotidiano escolar, fato já apontado já em vários outros estudos (BRACHT et al, 2007; DAMAZIO; SILVA, 2008; BOSSLE, MOLINA NETO, 2009; RUFINO, 2017, KRUG, KRUG, 2018), reforçando, desta forma, que apesar de ser recorrente, continuamos a observar o negligenciamento em relação às condições de trabalho proporcionadas no contexto escolar, em especial na EF. Contudo, é preciso considerar que esta realidade não é exclusiva da EF escolar, pois a realidade no contexto escolar é semelhante para os demais componentes curriculares. Porém, as próprias características da EF requerem espaços e materiais que são específicos, portanto, sua falta compromete o trabalho dos professores.

Observaram-se também na fala dos colaboradores, dificuldades em relação à organização do número de alunos por turma e o desinteresse dos alunos pelas aulas, fatores que sinalizam inicialmente a falta de percepção sobre a necessidade de pensar a melhor organização escolar, distanciando-se das necessidades percebidas neste espaço.

EF4 “[...] turmas são grandes [...] A limitação ou falta de materiais também dificulta dar aula, principalmente, se [...] trabalhar com iniciação que precisa de uma quantidade um pouco maior de material, assim [...] acaba queimando etapas e indo direto pro jogo”.

EF6 “[...] algumas dificuldades que temos também são com materiais de reposição, outra questão é de estar acompanhando uma geração que chega aí, que é totalmente digital e a temos alguma dificuldade também de compreender e se adequar a esse tipo de postura, de atitude deles.

Na mesma direção, EF2 destaca as dificuldades de trabalhar com alunos que se sentem pouco interessados por atividades práticas, pois em sua maioria, preferem jogos eletrônicos e redes sociais. Esta realidade não se constitui em excepcionalidade no contexto analisado, porém, “acende o alerta” sobre como os professores tem lidado com estas dificuldades. Se faz necessário identificar os fatores que tem contribuído para essa

desmotivação, colocando em debate a própria motivação dos professores diante das dificuldades encontradas no seu cotidiano, tal como sinalizado por Aniszewski *et al* (2019) e Maldonado (2016).

Os professores expõem tensões que se acentuam no contexto escolar, apontando para um desinvestimento dos estudantes por atividades esportivas, da cultura corporal, da atividade física, em detrimento do entretenimento eletrônico, fato que apresenta outros desdobramentos e questionamentos, como por exemplo: A EF escolar tem deixado de ser atrativa para os alunos? Por quê? As atividades propostas fora do ambiente escolar são mais interessantes que as aulas de EF? Como explicar a crescente procura por atividades de treinamento em academias e o desinteresse pelas aulas no contexto escolar?

Questões como estas, assim como seus desdobramentos no contexto escolar devem ser refletidas, compreendidas e criticadas. Em seus trabalhos, Nunes (2016, 2020) reflete sobre a terceirização da EF no ensino básico, chamando atenção ao fato da EF escolar estar perdendo espaço para outros segmentos. Faz-se necessário assim, questionar, o que tem levado os alunos (os que podem) a buscarem “práticas” tal como mercadoria fora da escola? Para equacionar esta questão, é importante considerar os elementos já mencionados anteriormente e compreendidos como dificuldades e silenciamentos acrescentando a eles a necessidade de colocar em debate o sentido da EF no contexto escolar, a dinamicidade com que propõem as atividades, as abordagens utilizadas, metodologias, entre outros.

Estas questões alargam a necessidade de pensarmos como vem se alicerçando a PP dos professores de EF no contexto escolar, bem como, o que os alunos esperam desta disciplina curricular? Ou ainda, o que esperam da escola?

Questões como estas ganham mais sentido ainda em momentos de implantação da Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018). A preocupação dos colaboradores com a falta de uma proposta pedagógica e da articulação com as orientações curriculares no processo formativo ficou evidente. Nesse aspecto, destacaram a falta de compreensão em torno da BNCC, bem como, as distâncias de suas intervenções, tecendo críticas quanto às cobranças para que articulem a BNCC ao plano anual de curso, seleção de conteúdos e planos de aula.

EF2 - Temos a BNCC que precisamos seguir. Estamos nos atualizando, ainda há muitas coisas a aprender e tentar fazer a nossa metodologia dentro dela. Mas

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

acho que é mais ou menos o mesmo caminho do que está vindo, alguma coisa muda.

EF5 - Surgiu aí a base. Então nós demos uma olhada meio por cima, porque não sobrou muito tempo e vimos e escolhemos os conteúdos de acordo com o que está na base. Os conteúdos que conseguimos trabalhar, porque tem assuntos da base sobre os quais não temos domínio. Damos uma passada por cima, se não temos domínio; e sobre o que temos domínio, procuramos aprofundar um pouco mais.

Neste contexto, observa-se à primeira vista que as tensões identificadas podem ser compreendidas como elementos presentes de forma geral em diferentes espaços e tempos, e nos parecem se tornar mais latentes quando percebemos a falta de investimento na educação básica e o próprio descompasso com que são pensadas as ações da educação em nível nacional. Destacamos o recorte da fala de EF7, cuja percepção é referenciada recorrentemente pelos demais colaboradores, “[...] atualmente, a gente não vê mais a preocupação e investimento na nossa área, pois faltam materiais mínimos, condições adequadas, valorização salarial e até mesmo a formação continuada deixa a desejar”.

Agrega-se ao exposto um ponto de reflexão sobre a BNCC e reconhecimento da crítica proposta por Neira (2018, p.215), ao analisá-la mediante o confronto com a teorização curricular afirmando que, “[...] os resultados evidenciam a retomada dos princípios tecnocráticos, consubstanciados na propriedade concedida à racionalidade técnica em detrimento da criticidade”. Observa-se a aproximação do exposto pelo autor com a realidade do contexto analisado, onde os professores, reconhecem não terem base teórica e conceitual acerca da BNCC, mas buscam adequar suas intervenções de modo atender uma necessidade institucional, mas sem uma análise e reflexão crítica das proposições deste documento.

Faz-se necessário neste sentido, ampliar a reflexão crítica sobre a BNCC e suas implicações na PP de professores de EF, instigando-os a compreenderem que ela não é um documento a ser “seguido”, mas sim, uma referência orientadora para uma organização de planejamento e do percurso formativo. Em outras palavras, a mudança ocorrerá não à medida que os professores passarem a “adotar” os pressupostos da BNCC em seus planejamentos e planos de aula, e sim, a partir da compreensão da BNCC para além de uma condição submissa, tendo maior clareza e discernimento sobre seus limites e contribuições para a EF escolar.

Deste modo, podemos inferir a partir das falas dos professores colaboradores, que no contexto analisado, acentua-se a necessidade de estudar a BNCC com maior

aprofundamento teórico, através de um processo reflexivo e compreensivo sobre suas implicações e desdobramentos. É preciso a compreensão conceitual, estabelecendo relações críticas com o que está posto, para avançar e qualificar os processos subsequentes no contexto escolar, pois compreendemos que não há como promover mudanças se não nos apropriarmos com clareza dos conceitos básicos de um documento como a BNCC, e isto deve se dar tendo por base o estudo, a reflexão crítica e o diálogo.

Em outra direção, ao compreenderem as dificuldades na própria PP, observamos na voz dos professores que os fatores aproximam-se de questões de ordem social, econômica, cultural, e corroboram com os achados de Maldonado (2016, p. 230), que em estudo sobre os fatores que dificultam a PP dos professores de EF também constatou que eles “[...] se encaixam, na sua maioria, em contextos de ordem social, cultural, institucional e organizacional, demonstrando que os docentes de EF possuem uma diversidade de obstáculos que não controlam para efetivar a sua prática pedagógica”.

Consideramos que a PP de professores e a própria EF, enquanto componente curricular, é constituída e influenciada por diferentes elementos que se modificam à medida que se apresentam de forma mais clara e definida, com equilíbrio entre os fatores que a compõem. No entanto, predomina na fala dos colaboradores a opinião de que os aspectos administrativos, de gestão e sociais apresentam-se como desafios a serem enfrentados cotidianamente e influenciam em suas intervenções. Como destacada EF2 “[...] as turmas muito grandes ou pequenas dificultam desenvolver nossas aulas, conforme a atividade fica tudo comprometido”, sem contar “[...] que a situação dos nossos alunos é muitas vezes precária, eles vêm para escola sem objetivo, cheios de problemas familiares, e a aquilo que é feito na escola muitas vezes não faz sentido para eles” (EF1).

Soma-se a estes aspectos a falta de políticas públicas efetivas que promovam a escola como espaço e tempo de formação cultural, as orientações impositivas e antidemocráticas que se apresentam atualmente, bem como, a necessidade de atender (acriticamente) as orientações da BNCC, sem o devido processo de estudo sobre ela, o que contribui no engessamento e autonomia didático pedagógica do professor. Conforme destaca EF4, “[...] muitas vezes, as coisas são jogadas para gente fazer, e tem que dar conta, mas não nos oferecem cursos, capacitações, orientações de como podemos atender o que é pedido, a gente faz como acha que é certo, e a gente só cumpre sem questionar”.

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

A respeito do exposto, Neira (2018, p. 216), destaca que, “[...] se os professores não assumirem uma postura combativa e questionadora com relação ao que esta posto, restará tão só preparar os espíritos para as consequências que essa política curricular trará para o futuro da sociedade brasileira”. Vislumbra-se assim, a necessidade dos professores lançarem novos olhares e posturas no sentido de “fazer acontecer” uma EF que contemple toda a caminhada histórica percorrida para ser reconhecida como “[...] uma disciplina ígual às outras” como destacam Fensterseifer e González (2013, p. 39).

Por outro lado, fica evidente na fala dos colaboradores, seu sentimento de dependência de “outros”, em um movimento que se constitui em justificar a realidade e a própria prática, pois “os outros” não subsidiam as condições necessárias e ideais para a ação, assim como o comportamento “dos outros” influencia negativa e decisivamente na aula. Parece-nos, neste sentido, que o paradigma a ser enfrentado situa-se em provocar que os professores se coloquem como protagonistas frente as emergências percebidas, assumindo sua corresponsabilidade pela condição em que se encontram, na direção de buscar caminhos que lhes possibilitem novas perspectivas quanto as condições de trabalho.

A percepção anteriormente evidenciada encontra respaldo nos achados identificados por Coelho, Maldonado e Bossle (2021), ao reconhecerem o professor como intelectual transformador, um sujeito capaz de buscar a transformação social através de sua prática, fazendo resistências ao sistema econômico considerando que o trabalho coletivo, estruturado em torno do objetivo de modificar a realidade em que está inserido, assume-se como também responsável através de suas intervenções em dialogar e explorar horizontes dialógicos, democráticos necessários para uma escola, EF e sociedade.

Uma questão que fica é, como os professores poderão pensar isso se a própria BNCC possui dois fatores constituintes decisivos e paradoxais: a) por um lado, podem contribuir para “arrumar a relativa bagunça interna” da EF na escola, a partir do protagonismo dos próprios professores; b) por outro, a lógica interna da BNCC se sustenta na pedagogia das competências, uma lógica que se edifica a partir da ideia de adaptação ao mundo, resiliência frente as agruras de nosso tempo, bem como, flexibilidade para lidar bem com a precarização, por exemplo, das relações de trabalho, algo presente na fala dos colaboradores – ver sobre isso, as críticas de Rezer (2020) acerca da pedagogia das competências.

Observa-se que os professores, diante deste cenário, têm se colocado como espectadores, atribuindo o papel de protagonista a outros atores, o que nos permite perceber a fragilidade do debate democrático e participativo dentro da escola. Esta percepção em torno da EF escolar pode ser compreendida a partir do próprio isolamento histórico percebido em relação aos demais componentes, bem como, as dificuldades de reconhecimento social acerca da legitimação da EF como área do conhecimento.

Neste viés, observa-se que, apesar do descontentamento dos colaboradores, não há nenhuma postura de resistência e enfrentamento diante daquilo que lhes é percebido como algo que provoca angústia, desconforto e a própria afronta à liberdade de expressão e de intervenção. Isto se agrava, de acordo com Neira e Nunes (2021, p. 8)

[...] diante da presença de forças neoconservadoras que ampliaram exponencialmente as formas autoritárias de ser as produtoras de violência. Os processos de escolarização tornaram-se alvos de duplo ataque – econômico e moralista. O resultado tem sido a efetivação de um ambiente de incertezas para os docentes, quanto aos objetivos da sua função, e para os discentes, em relação as suas expectativas de futuro. [...] os embates enunciados colocam o professor à mercê de um conflito, pois lhe é atribuída a responsabilidade pelos problemas da sociedade, sejam econômicos ou morais.

Neste sentido, a EF escolar tem sofrido investidas que suscitam ser consideradas e colocadas em debate para que não que continuemos com este processo de afronta ao caminho já percorrido. Citamos como exemplo, dois fatos que fazem parte do atual contexto político: 1) a volta das escolas militares, e por conseguinte, de uma EF cuja pedagogia militar se sobrepõem impondo práticas dissonantes de um contexto democrático, e, 2) o próprio debate em torno do *homeschooling* que coloca em xeque a formação escolar, por conseguinte, a EF escolar, que ficaria ainda mais fragilizada (conteúdos como a cultura corporal, saúde, esportes, dança, lutas entre outros poderão ficar em segundo plano).

De igual modo, compreendemos, a partir dos elementos que se constituem em materialidade empírica de nossa análise, que os professores têm percebido que existe um distanciamento entre a proposição das ações no contexto escolar a partir das orientações curriculares da EF e sua efetiva atuação. Este fato tem se constituído em campo de debates, pois se firma em uma realidade facilmente identificada na sociedade contemporânea, que coloca a EF escolar e a atuação dos professores em questão constituída exclusivamente de práticas. Tal como advoga Almeida (2012, p.51):

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

O âmbito escolar e, principalmente, as aulas de educação física possuem muitos vícios e resistências por parte dos próprios alunos, que possuem a ideia de que o momento da aula é um tempo livre para caminhar pelo pátio ou de apenas praticar jogos esportivos com bola, como o vôlei para as meninas e o futebol para os meninos. O professor tem papel-chave para interromper esse péssimo hábito de reafirmar a ideia que as crianças aprenderam sobre a disciplina.

Neste debate, certamente emergiriam questionamentos que forneceriam subsídios para colocar em pauta a discussão de como a EF é vista na escola, cabendo então, a partir de Fensterseifer e González (2013 p. 37- 38), discutir com maior profundidade os desafios “[...] de ordem político-pedagógica, da qual decorrem os desafios, não menores, de caráter didático-metodológico”, pois como temos percebido “[...] as respostas históricas vinculadas ao “exercitar-se” parecem não mais dar conta da nossa ‘especificidade no âmbito escolar’”.

Infere-se então, um ponto de questionamento e discussão em torno da PP dos professores de EF: o que tem sido realizado para refletir sobre as práticas dos professores? Tal discussão não tem sido pauta de reflexão, nem faz parte até o presente momento, da agenda das políticas educacionais. Pensar a EF diante dos elementos observados no contexto analisado ampliaria as perspectivas e os horizontes de ações em torno da formação continuada de professores como uma possibilidade de articular novos saberes em favor de sua afirmação pedagógica, de um pensamento reflexivo e uma prática emancipatória e democrática no contexto escolar.

Sobre este aspecto, entre outros que permeiam o contexto da EF brasileira, Valladão (2019, p. 10), faz uma importante reflexão, pertinente frente ao contexto político em que nos situamos, apontando a necessidade de compreendermos o que está em curso, pois “a EF nesse sentido pode voltar a ser tanto alienante, como uma mera reprodutora de corpos dóceis, como no período da ditadura militar”. De fato, se não nos posicionarmos frente ao desmantelamento da educação e, por conseguinte, da EF escolar, enfrentando os descaminhos que se apresentam estaremos seguindo rumo a um processo de desconstrução de toda uma caminhada histórica em favor da legitimação da EF escolar.

Se desejarmos uma EF que se alicerce no desenvolvimento do sujeito, na democratização das práticas corporais, não podemos pensá-la de forma fragmentada, mas sim, com trato semelhante aos demais componentes curriculares. Para isso, consideramos ser preciso qualificar a sua prática e integrá-la a um projeto maior no processo formativo, ampliando as possibilidades de intervenção dos professores e a completude do repertório epistemológico com o qual opera. Concordando com Garcia, Fensterseifer e Rezer (2021), é

na disposição dialógica para a pluralidade do campo da EF brasileira que podemos edificar seu reconhecimento, considerando as singularidades epistemológicas que o constituem.

Porém, reconhecemos que a EF escolar necessita ser amplamente discutida, assim como a escola, ampliando a discussão em torno dos objetivos, intencionalidades, finalidades da EF escolar, pois, como aponta EF1, “[...] precisamos reorganizar nossa atuação, nossas aulas e planejamento, porque a cada ano as turmas tem exigido mais”. Nessa direção, EF7 identifica que, “[...] precisamos pensar o que trabalhar nas aulas de EF, a partir de um planejamento colaborativo de toda rede, dividindo experiências, com objetivos claros e definidos e não dar aula de jogar bola”.

Nessa esteira, convém destacar as recorrentes manifestações dos professores sobre a descontinuidade das ações e políticas de valorização docente, associando a isto as lacunas em relação às ações de formação de professores, sendo na percepção dos professores, processos fundamentais para a melhoria da qualidade da educação pública brasileira. Este cenário é reconhecido a partir das contribuições de EF1, ao destacar que “[...] é preciso que a escola e os professores sejam valorizados e ouvidos tanto quando forem propor alguma ação ou mudança ou mesmo sobre aquilo que nós necessitamos”, pois, ao dar voz aos professores “[...] nos sentimos valorizados e com certeza temos muito a contribuir principalmente em relação sobre o que precisamos na formação continuada” (EF1).

Nesta esteira percebemos que os professores, ao situarem-se a partir da realidade vivenciada compreendem que a educação – e conseqüentemente a EF – não têm sido consideradas como áreas que merecem investimento e valorização na atual conjuntura, fato que acaba contribuindo para a própria desmotivação dos professores, o que pode contribuir para processos formativos e práticas pedagógicas cada vez mais frágeis, bem como, para o próprio abandono gradativo do trabalho docente.

González (2016), em uma leitura ampla sobre a atuação dos professores de EF escolar, analisando o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica, apresenta contribuições para entendermos a realidade que nos encontramos. As contribuições apontadas por nossos colaboradores não se tratam de considerações simplórias, passíveis de julgamento moralista e acusatório. Isso “[...] trata-se de um problema estruturante de nosso campo profissional, não é apenas um aspecto periférico ou tão somente

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

consequência de outros problemas e, portanto, deveria ganhar centralidade entre aqueles que tem a EF como campo de pesquisa” (González, p. 66, 2016).

O descompasso das ações e a realidade vislumbrada têm se acentuado especialmente nos últimos anos e pode ser considerado reflexo dos processos e ataques à democracia e política em nosso país, infligindo na retirada de direitos ou mesmo no cerceamento ao direito democrático em especial, atacando a educação através do corte de verbas e a instalação de políticas e práticas educacionais de cunho militar. Neira (2018, p. 2016), justifica que, “[...] surpreendida pelo golpe político-jurídico de 2016, a população brasileira tem assistido atônita à retirada de seus direitos e à marcha para um regime antidemocrático estimulado por grupos conservadores e empresariais bem representados nas políticas educacionais em curso”

Da mesma forma, Bracht (2016, p. 73), já apontava que,

“[...] não se pode falar em EF num sentido geral. É importante salientar que não podemos falar em Educação e EF sem considerar seu histórico, os diferentes contextos societários e os diferentes projetos de sociedade que estão em disputa em seu interior. Nesse sentido, preliminarmente cabem as perguntas: Em que medida as diferentes concepções de EF estiveram alinhadas como os projetos políticos hegemônicos em nossas sociedades- nas nações latinoamericanas? Em algum momento foram geradas perspectivas, concepções de EF que se colocaram explicitamente a favor de uma educação transformadora no sentido de da superação das relações sociais vigentes e dominantes?”

Consideramos pertinente diante do exposto inferir que decorridos mais de vinte anos, o movimento renovador da década de 1990 que colocava em debate a EF, parece constituir-se em pauta que merece ser retomada pois, apesar de toda a trajetória histórica, ainda se identificam mazelas em relação à própria legitimação da EF enquanto área do conhecimento e componente curricular, além de lacunas que merecem ser preenchidas como práticas e processos formativos reflexivos em torno dos desafios que emergem da docência.

Considerações finais

Ao situarmos a EF como componente curricular e parte do contexto macro da educação, percebemos que é preciso avançar no sentido percebê-la como área do conhecimento capaz de contribuir para a vida em sociedade. Se faz necessário compreendê-la por meio da multiplicidade de contribuições com a função de democratização das práticas corporais, tomando-as como patrimônio produzido historicamente pela humanidade.

Pensar a EF sob este prisma é evidenciar as suas possibilidades de intervenção sob a lógica da racionalidade reflexiva e crítica, dos caminhos para enfrentamento dos desafios que se impõem, rompendo com o engessamento epistemológico, muitas vezes cultuado, de que ela consiste apenas na prática do esporte e na atividade física.

Ao contextualizarmos a EF, à luz da contemporaneidade, podemos destacar que a sociedade contemporânea está impregnada do signo do pluralismo cultural, que possui implicações éticas, políticas e eudaimonistas que permitem (hipoteticamente) o processo criativo e o exercício de liberdade do indivíduo e do seu reconhecimento como ser social, político, plural, subjetivo e reflexivo frente os desafios contemporâneos.

O texto em tela, não tem a pretensão de esgotar a análise dos desafios da EF na contemporaneidade, pois se propõe a estabelecer relações buscando as contribuições que possibilitariam delinear alguns desafios que emergem deste diálogo, destacando-se neste sentido, que o contexto em análise apresenta uma conjuntura compostas por dificuldades comuns a outros espaços, mas com particularidades em função dos silenciamentos identificados, e a própria fragilidade em refletir sobre a PP dos professores.

Desta forma, extraímos desta caminhada, alguns questionamentos que se constituem em pontos de partida para reflexões e possibilidades de novas investigações: como lidar com a EF na contemporaneidade, sem os riscos do dogmatismo ou do relativismo? Como pensar as teorias pedagógicas da EF existentes às necessidades da formação docente? Que necessidades seriam estas? Quais suas origens e consequências? Como pensar a EF em um mundo plural, porém, em vários aspectos preso a hegemonia (ultra) neoliberal? Como articular a PP dos professores de EF diante do cenário atual em que se observam ataques de toda ordem à educação? Qual o papel da EF e do professor, frente à invasão de uma ideologia conservadora e liberal, vigente em nosso país?

Entre outras, estas questões representam considerações provocativas, reflexivas e que merecem novas investigações para qualificar a compreensão diante da complexidade que se apresenta, objetivando fornecer subsídios que ofereçam aos professores elementos que potencializem resistência e defesa pautadas no conhecimento. Aqui faz sentido, então, potencializarmos um movimento dialógico por meio das tensões que emergem entre a compreensão da realidade e a produção de *resistências* e *enfrentamentos* necessários.

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

Assim, diante da complexidade e da velocidade com que se move a sociedade contemporânea, comungamos com Lopes e Vieira (2017, p. 46), ao afirmarem que “[...] a contemporaneidade nos trouxe a liberdade, junto com a benção e a maldição de estarmos entre o ser e o nada”, o qual nos situa em um espaço e tempo que requer leitura qualificada, evidenciando a necessidade de novas reflexões no campo da EF escolar, a partir dos desafios que emergem da docência e da sociedade contemporânea.

Referências

- ALMEIDA, S. T. **Explorando diferentes materiais nas aulas de educação física**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2012.
- ANISZEWSKI E. *et al.* (2019). **O desinteresse discente pelas aulas de educação física no ensino fundamental**: análise sob a perspectiva das necessidades psicológicas básicas. Dissertação. (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu- RJ, 2018.
- BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.
- BETTI, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.
- BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E.; FONTE, S. S. D.; FRADE, J. C.; PAIVA, F.; PIRES, R. **Pesquisa em ação**: Educação Física na escola. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007
- BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar. In: GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. 3 ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Unijuí, 2014.
- BRACHT. V. Educação física escolar na América latina. In: **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte**. COSTA SILVA, C. P. *et al* (Orgs). Florianópolis, Tribo da Ilha, 2016.
- CAPARROZ, F. E.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- COELHO, C. M.; MALDONADO, D. T.; BOSLE, F. **Professor de educação física (escolar) intelectual transformador**: resistências ao modelo generalista e neoconservador da educação de mercado. **Conexões**, Campinas, SP, v19, n. 1, 2021.
- DAMAZIO, M. S.; SILVA, M. F. P. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 2, p. 197-207, 2008.
- FENSTERSEIFER, P. E. **A educação física na crise da modernidade**. 1999. Tese. (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLES, F. J.. Desafios da legitimação da educação física na escola republicana. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, MS, n.2, v. 1, jul/dez, 2013.

FENSTERSEIFER, P. E. Produção do conhecimento em educação física: algumas reflexões a partir do Brasil. **Educación Física y Ciencia**, v. 17, n. 2, dez. 2015.

GARCIA, S. A.; FENSTERSEIFER, P. E.; REZER, R. Educação Física: “um bicho mais estranho que o ornitorrinco”. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e11410111224, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11224. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11224>. Acesso em: 4 jul. 2021.

GAYA, A. Mas afinal, o que é educação física? **Movimento**. Especial temas polêmicos. 1995.

GONZÁLES, F. J. Atuação dos professores de educação física na educação física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte**. COSTA SILVA, C. P. et al (Orgs). Florianópolis, Tribo da Ilha, 2016.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. A volta ao que parece simples. **Movimento**, n. 2, jun. 1995.

KRUG, H. N.; KRUG, R. Problemas/dificuldades/dilemas/desafios da formação profissional e da prática pedagógica de professores de Educação Física. **Biomotriz**, v. 2, n. 2, p. 1-25, ago. 2018.

LOVISOLO, H. Mas, afinal, o que é educação física? A favor da mediação e contra os radicalismos. **Movimento**, n. 2, jun. 1995.

LOPES, J. P. G.; VIEIRA, R. A. G. Educação física líquido-moderna. **Biomotriz**, v. 11, n. 1, p. 27-48. 2017.

MALDONADO, D. T. **Os bastidores da educação física na escola pública paulista: a percepção da realidade cotidiana**. Tese. (Doutorado). São Paulo, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13º ed. São Paulo: Hucitec. 2013.

NEIRA, G. M. Incoerências e inconsistências da BNCC de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2018.

NEIRA, G. M.; NUNES, L. F. Os desafios da educação física em tempos de ataque à educação. **Conexões**. Campinas, SP, v.19. 2021.

NUNES, F. S. **Os “lugares vazios” nas aulas de educação física**. Curitiba-PR: CRV, 2016.

NUNES, F. S. Terceirização da educação física no ensino básico. **Motrivivência**. Florianópolis, v.32, n. 61, jan/mar. 2020.

Educação física e os ataques à educação: desafios emergentes da docência na contemporaneidade

REZER, Ricardo. **Educação Física na educação superior: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica**. Chapecó, SC: Argos, 2014.

REZER, R. **Horizontes para pensar a universidade comunitária no contemporâneo: 30 teses**. Ijuí: UNIJUI, 2018.

REZER, R. Pedagogia das competências como princípio de organização curricular: “efeitos colaterais” para a educação superior.... **Educação (UFES)**, 45, e20/ 1-25, 2020.

RUFINO, L. G. B. O trabalho docente na perspectiva de professores de educação física: análise de alguns fatores condicionantes e suas restrições para o desenvolvimento da prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, out/dez. 2017.

STEIN, E. Paradoxos da modernidade. In: STEIN, E. **Epistemologia crítica da modernidade**. 3ª. Ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. Mas, afinal, o que é educação física? Um exemplo do simplismo intelectual. **Movimento**, Especial temas polêmicos. 1995.

VALLADÃO, R. **Possíveis impactos da eleição de Jair Bolsonaro na educação física brasileira**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/pt/eventos-anteriores/anais-do-simposio-pos-estruturalismo-e-teria-social-2019/sumario/gt-5-pos-democracia-neoliberalismo-e-autoritarismo-no-seculo-xxi/artigo-valladao>. Acesso em 25 Jul. 2021.

Notas

ⁱ A pesquisa que derivou este artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Processo No. 18910919.0.0000.0116.

ⁱⁱ Rezer (2018) utiliza a expressão “contemporâneo” na direção de sinalizar que vivemos em um tempo de tensões entre perspectivas modernas (pautadas pelos ideais iluministas) e perspectivas pós-modernas (que apontam para o fraquejo, ou mesmo fracasso, do projeto moderno de sociedade), com implicações decisivas para a formação universitária e práticas sociais – o que nos coloca em um tempo paradoxal. Para Agambem (*apud* REZER, 2018), se faz necessário ter a capacidade de manter fixo o olhar em nosso tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro derivado das luzes (as sombras) – neste caso, ser contemporâneo representa uma possibilidade de mirada crítica sobre nosso tempo. Deste modo, as luzes da *aufklärung* não só nos fizeram enxergar com maior nitidez, como também produziram sombras que necessitam ser melhor examinadas. À sua maneira, Sousa Santos (*apud* REZER, 2018) afirma que o contemporâneo é visto como um tempo de transição paradigmática, um movimento no qual os pilares modernos se encontram em crise, em direção a “algo” ainda não completamente determinado, portanto, em disputa.

ⁱⁱⁱ Para compreender melhor os distintos modos de compreender a EF em nosso tempo pode ser identificado no Painel Literário realizado no XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Porto Alegre, 2011). No encontro, quatro convidados (Celi Taffarel, Valter Bracht, Hugo Lovisollo e Adroado Gaya) debateram em torno do tema tratado na Revista Movimento na segunda metade da década de 1990: Afinal, o que é EF? Ao longo do painel, fica evidente a constituição de distintas Educações Físicas no campo da EF brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=snFQSVX4LY4&t=3900s>. Acesso em 04 Jul. 2021.

Sobre os autores

Paulo Roberto Dalla Valle

Possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná, Mestrado em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Email: paulodallavalle@unochapeco.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4075-7150>

Ricardo Rezer

Pós-Doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Doutorado e Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: rreze@unochapeco.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2664-9292>

Edivaldo José Bortoleto

Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campina, Mestrado em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Universidade Católica de São Paulo e Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. E-mail: ejbortol@unochapeco.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7748-8361>

Recebido em: 23/05/2021

Aceito para publicação em: 16/06/2021